

Profissão ou Vocação: Instrutores de Karaté em Portugal

Alan David Stoleroff¹

Esta comunicação incide sobre um aspecto da prática do karaté, a instrução e os instrutores. Baseia-se no estudo sociológico de uma Associação de Karaté portuguesa, do papel da instrução, da credencialização e da sustentação de uma actividade com um fraco grau de profissionalização.

Em primeiro lugar, trata-se do estudo de **uma comunidade de praticantes de karate** e da sua actividade formativa. Não pretendo generalizar, a partir da observação da Associação em causa, padrões específicos da prática relativamente à instrução para outras associações e outros estilos do karate. Trata-se apenas de um estudo de caso, um caso que tenho estudado em exclusivo e em profundidade. Credito que hajam semelhanças e diferenças entre associações de karaté mas o meu objecto associa-se à especificidade desta associação.

Assim, não pretendo desenvolver uma sociografia dos instrutores de karate em geral (eu não possuo informação sistemática sobre a prática de outras associações), e considero o aspecto sociográfico dos 22 instrutores da Associação actualmente a dar aulas fundamentalmente como um aspecto complementar à problematização da instrução enquanto momento da prática que orienta esta comunidade.

Em segundo lugar, este trabalho faz parte de um projecto mais extenso que tem a ver com uma tentativa de contar/explicar a prática da comunidade através da visão/consciência de um *insider*/activista da própria comunidade.² Por outras palavras, o estudo baseia-se na tradição metodológica da observação participante. A questão da instrução e dos instrutores é um fragmento de um estudo possível que deriva da minha imersão na prática do karate e na vida "comunitária" da Associação, mas é um momento decisivo: A instrução é encarada enquanto uma das práticas ligadas à reprodução desta comunidade.

Comunidade

Ao contrário de uma disciplina académica, cuja vida se realiza no contexto de departamentos pluralistas, a prática da disciplina do karaté é organizada no contexto de estilos diferenciados (não necessariamente antagónicos mas concorrentes).³ As distinções entre estilos manifestam-se sobretudo na técnica do treino e da execução, na concepção dos gestos e movimentos corporais bem como na postura ou disposição corporal, mas também nos objectivos e fins da própria prática.⁴ A

¹ ISCTE

² Este projecto situa-se possivelmente próximo do projecto etnometodológico que conheci em Garfinkel (1986). O capítulo com interesse é de Girtton (1986). Apesar de várias tentativas de pesquisa bibliográfica não tenho encontrado muitas referências sociologicamente interessantes sobre o karate. Uma obra que considero interessante embora não sociológica no sentido académico é Bishop (1989).

³ Os estilos de karate "tradicional" praticados em Portugal são Shotokan, Shotokai, Wado Ryu (estilos japoneses), Gojo Ryu e Shito Ryu (okinawenses).

⁴ É difícil dizer se a técnica deriva da filosofia ou se a filosofia seja uma justificação pela opção relativa ao sistema técnico. No entanto, parece-me existirem diferenciações entre estilos que são consequências das concepções dos objectivos da prática. Assim, muitos karatecas poderão classificar os estilos conforme os objectivos serem desportivos, combativos ou de desenvolvimento pessoal. Contudo, os praticantes de cada estilo geralmente

aderência a um estilo de karatê constitui uma pertença a uma comunidade de praticantes dedicados à aprendizagem de um sistema técnico num determinado contexto de valores.⁵

Existem graus de pertença ou integração nessa comunidade e os objectivos dos praticantes são diferenciados. Mesmo entre os praticantes mais antigos, há maior e menor graus de dedicação e assiduidade, há maior ou menor graus de casualidade.⁶ Há praticantes mais desportivos e outros que perseguem objectivos menos mensuráveis.⁷

Existem sinais exteriores da pertença, nomeadamente as graduações que são exibidas pela côm do cinto. A comunidade construída em torno da prática do karatê é uma comunidade hierarquizada. A hierarquia manifesta-se pela classificação dos praticantes pelos graus de proficiência.

Vale a pena determos-nos sobre a proficiência. O karatê sendo uma arte marcial tem a sua origem num sistema de treino para combate efectivo, nomeadamente a defesa pessoal. Mas este sistema foi ulteriormente transformado num sistema de treino convencional com outros objectivos relacionados quer com manutenção física, desporto e mesmo "desenvolvimento pessoal". Num determinado estilo os graus de proficiência são expressões de graus de realização nestes vários planos. No estilo em causa há uma valorização destes vários aspectos do desenvolvimento do praticante. No entanto, mesmo neste aspecto o critério da avaliação da proficiência é determinada por uma referência à técnica. Por exemplo, um praticante pode ser promovido na sua graduação sem ser um executante mais eficaz na obtenção de resultados desportivos na medida em que demonstra uma dedicação contínua ao aperfeiçoamento da combinatória dos gestos (integrados nas formas/*katas* ou prática de técnicas isoladas/*kion*).

No karatê - disciplina emergida parcialmente da cultura militar japonesa⁸ - os graus são representados na simbolização dos cintos coloridos que fazem parte necessária da farda do praticante.⁹ A hierarquia tem repercussões nas relações sociais que se estabelecem entre praticantes, mas não é a única base de distinção

consideram que o treino dedicado no seu estilo prepara-os melhor ou igualmente para as várias modalidades da prática.

⁵ No início da carreira de um karateca esta pertença pode ser fortuita. Geralmente um principiante não escolhe o seu instrutor ou o local da prática em função de uma opção em termos de estilo. Geralmente a consciência de diferenças significativas entre estilos emerge com a acumulação de experiência da prática e convívio com os praticantes do estilo inicial. Os mais experientes contam histórias de competições, da sua frequência em estágios ou treinos de outros estilos. Nos estágios dos mais graduados refere-se frequentemente aos contrastes deste estilo com um estilo "rival" particular para salientar certas características próprias do estilo, o que conduz à integração de estereótipos na consciência de muitos praticantes que nunca tiveram experiência em primeira mão do outro estilo. Quer-se creditar na superioridade do estilo próprio. Portanto, quando falo na aderência à comunidade não estou a referir a um momento de inscrição, mais antes a um processo de indução e socialização que resulta de uma acumulação de prática no estilo.

⁶ Em princípio o treino duas vezes (aulas de uma hora ou hora e meia) por semana é considerado um mínimo. Esta regra não é geralmente aplicada mas um praticante com menos assiduidade terá poucas probabilidades de promoção.

⁷ Há também praticantes, geralmente veteranos, cuja participação nos treinos, apesar da sua assiduidade, já não tem muito a ver com o karatê. Evidentemente não são todos os veteranos ou karatecas mais idosos nesta categoria.

⁸ Veja-se Funakoshi sobre a transferência da prática do karatê de Okinawa para Japão e a sua adaptação pelos militares imperiais.

⁹ Apartir do cinto negro os graus (graus do negro, *Dans*) não são visíveis. Contudo, os cintos negros geralmente têm consciência de quem é 1º *Dan*, de quem é 2º *Dan*, etc.

dentro do grupo.¹⁰ Há uma tendência de os praticantes agruparem-se com outros colegas com quem sentem uma afinidade na procura de objectivos. Os critérios das afinidades são geralmente não-expressos. Há uma tendência dos praticantes mais desportivos ou dos mais exigentes de se auto-seleccionarem (há também uma tendência dos menos exigentes se auto-seleccionarem). E há formas de comunicação relativas ao karate que são compreendidas mais facilmente em conformidade com estas afinidades. Por exemplo, a conversa sobre o *kumite*, i.e., o combate desportivo de competição. Só o grupo restrito de praticantes que tem participado nos treinos e competições do *kumite* pode apanhar o sentido de valor e da reciprocidade da contagem repetida de uma história de um combate.

Portanto, o pilar da comunidade de praticantes é constituído pelo núcleo de praticantes que demonstraram a sua continuidade ao longo dos anos.¹¹ Há também um núcleo de praticantes auto-concientes que se **auto-identificam** com o karate. Os instrutores pertencem a este grupo. A competência, ou a atitude de procura, a acumulação de conhecimento técnico, quando combinadas com persistência, são chaves para a entrada na comunidade e neste núcleo.¹² Os instrutores são também pilares da Associação enquanto organização. São eles que garantem a angariação de sócios, sócios esses que contribuem com uma quota anual, com a sua participação em estágios, etc. A organização da instrução é também uma actividade importante da Associação e estrutura a comunicação e interacção entre o conjunto de instrutores e a direcção da Associação.

A instrução e os instrutores¹³

A instrução é um processo fundamental para a manutenção e desenvolvimento de um estilo, ou seja, para a reprodução da comunidade porque, como afirmei em cima, as características específicas do combinatório técnicas/gesto e da coreografia das formas nas *katas* são constitutivos do próprio estilo e a

¹⁰ Momentos embaraçosos podem produzir-se pela auto-afirmação de um praticante na hierarquia com referência explícita ao grau. Para evitar tais momentos, e em reconhecimento da ambiguidade do valor da hierarquia, testamunham-se frequentemente gestos de desistência da formalidade da hierarquia dos graus. Na formação da fila para a saudação de respeito ao *Sensei* (instrutor chefe) no início e fim de uma aula o alinhamento deve seguir a hierarquia. Cada um deveria saber o seu lugar. No entanto, um acto de correcção no alinhamento seria considerado presunçoso ou pomposo. Também um acto de auto-imposição em lugar superior, embora não corrigida, é notado e pode rotular o praticante como um presunçoso. Quando um mal-alinhamento ocorre espontaneamente e não intencionalmente, é um sinal de boa vontade e de simpatia ou respeito deixá-lo passar, indicando consciência da deferência mútua através de um sorriso ou outro gesto.

¹¹ Há muita atrição. Muitos jovens praticantes desistem nos anos finais do curso ou ao arranjar um emprego. Devido ao percurso comum de muitos anos de treino, actualmente nesta Associação trata-se sobretudo dos praticantes que chegaram ao 2º grau do cinto negro, mas geralmente o cinto castanho (1º Kyu) ou cinto negro (1º Dan) são patamares.

¹² É importante entender que as referências em termos de competência ou conhecimento são internas à comunidade. A competência não se mede com referência a testes de combate fora do âmbito do karate. A capacidade de "andar à porrada" não é uma referência valorizada na avaliação da comunidade. No entanto, uma possível medida da competência são as competições oficiais (federativas ou associativas) em que se combate em conformidade com determinadas regras e convenções. Existe uma atitude ambígua nesta Associação relativamente à participação na competição.

¹³ Para esta parte da comunicação as observações resultantes da observação participante foram suplementadas por um conjunto de "entrevistas" conduzidas com os instrutores que são os meus colegas do treino em que falamos especificamente sobre alguns aspectos da sua experiência como instrutor e atitudes relativas à profissionalização.

comunidade vive na especificidade do estilo. A instrução é o veículo da transmissão da técnica e de uma cultura disciplinar.

Sendo tão fundamental para a reprodução do estilo-comunidade, seria de esperar a existência de processos de controlo para que haja aderência a uma linha comum na transmissão da técnica e do conhecimento. Este controlo passa por duas vias: a hierarquia e a estrutura da Associação, nomeadamente as estruturas que agregam os instrutores e uma estrutura que se refere como a Comissão Técnica.

Em primeiro lugar, o corpo de instrutores - como a comunidade de praticantes no seu conjunto - é um corpo hierarquizado. A hierarquia manifesta-se por um lado pela mesma hierarquia que classifica os praticantes mais experientes pelos graus de proficiência (as graduações).¹⁴

No topo situa-se o *Sensei*. O *Sensei* é um instrutor dirigente, líder, uma autoridade.¹⁵ Esta Associação possui dois *Sensei* (ambos possuem a graduação máxima do estilo que é o 5º Dan). Um é um líder internacionalmente reconhecido de origem japonesa que constitui um elo da comunidade portuguesa com a história da disciplina.¹⁶ O outro é português e é referido como o "Mestre". O instrutor japonês trabalha com a Associação em estágios de uma semana duas vezes por ano. Durante estes estágios ele observa e, de certa maneira, supervisiona o curso intensivo dirigido pelo "Mestre". Ambos são figuras carismáticas: possuidores do conhecimento técnico, são figuras de autoridade.¹⁷ Na Associação em causa o *Sensei* é simultaneamente o Presidente da Associação, portanto, há uma dupla fonte da autoridade. Há uma mistura de autoridade carismática e legal (no sentido de Weber) mas predomina a carismática.

Há um corpo de instrutores da Associação. O corpo de instrutores desta Associação estabilizou-se há alguns anos e, do meu conhecimento, não se tem admitido novos instrutores recentemente.¹⁸ Portanto, selecção e credencialização são fases ultrapassadas para o momento. Este processo, sendo a proposta dos candidatos da competência da Associação, passou em princípio pela frequência e credencialização da Federação que tem a competência de organizar os cursos próprios.¹⁹ Contudo, a credencialização dos instrutores é um processo contínuo e corre em paralelo com a formação da comunidade em geral.

Fundamental como resultado da instrução é a selecção e credencialização dos cintos negros, ou seja, daqueles praticantes que são reconhecidos como tendo obtido uma base técnica e do conhecimento da disciplina. É um grau de passagem que se pode pensar como equivalente à obtenção de uma licenciatura para uma disciplina académica. Os graus ulteriores do cinto negro representariam assim níveis de formação equivalentes aos graus académicos de mestrado e doutoramento. O processo de selecção e credencialização dos cintos negros proporciona uma base

¹⁴ Só se pode ser instrutor a partir do grau de cinto castanho (1º Kyu).

¹⁵ *Sensei* é uma palavra japonesa que significa professor mas estou a utilizar aqui a palavra no sentido pesado de professor-mestre. Enquanto praticante prefiro reservar esta referência às figuras do topo.

¹⁶ Trata-se de um homem de 70 anos que recebeu a sua formação nas escolas de fundadores do karate no Japão.

¹⁷ Esta autoridade pode ser desafiado. Tem havido cisões da Associação de instrutores - que com uma concepção e ambição próprias - não aceitaram a hierarquia da Associação nem a forma de tutela do *Sensei*. Os elementos cisionistas - não possuindo **autoridade** própria numa comunidade suficiente ampla de karatecas - encontram-se na situação de ter de arranjar um novo *Sensei* para lhes prestar legitimidade perante os praticantes.

¹⁸ Alguns praticantes possuem a credencialização mas não têm aulas ao seu cargo actualmente. Parecem ter em comum serem pessoas **profissionalizadas**. Outros praticantes podem dirigir aulas sem ter o estatuto de instrutor. Quando um instrutor está ausente é a responsabilidade do praticante mais graduado tomar conta da aula.

¹⁹ Tem havido excepções.

para a preparação dos próprios instrutores porque enquanto praticantes dedicados procuram a sua própria credencialização em graus superiores do cinto negro.

Mas os instrutores são mais como missionários ou apóstolos; assim espalham uma mensagem que é realmente várias mensagens que são produtos das suas interpretações e capacidades individuais. Alguns procuram transmitir a mensagem das fontes (os *Sensei*) da maneira mais fiel; outros conscientemente procuram transmitir a sua própria interpretação e têm capacidade individual para imprimir a sua instrução com características particulares e inovação. Portanto, uma forma de assegurar consistência na instrução da Associação é a participação dos instrutores em reuniões dos instrutores, presidido pelo instrutor-chefe, o "Mestre". Mas um outro tipo de controlo é na realidade mais importante e isto passa pelo treino contínuo e a formação contínua na disciplina através da participação nos estágios da Associação que são dirigidos pela autoridade mais alta da Associação, o seu director técnico, isto é, o seu Presidente. A necessidade de todos de obter credencialização (e legitimação) através a prática no seio da comunidade reduz as tendências centrífugas que resultam do processo do desenvolvimento dos instrutores. A obrigação dos instrutores submeter os seus alunos candidatos ao cinto castanho ou negro à avaliação da Comissão Técnica da Associação também limita as tendências centrífugas.

Em Portugal a actividade de instrutor de karaté é exercida predominantemente em part-time, em regime extra-laboral e frequentemente implicando um grande custo pessoal. São poucos os "profissionais".

Entre os 22 instrutores da Associação que estão actualmente a dar aulas apenas 3 vivem exclusivamente de rendimentos obtidos pela actividade de instrução. Um é o Presidente da Associação, o seu principal instrutor (5º grau de cinto negro) - o "Mestre". Um outro profissional é um instrutor (4º grau de cinto negro) que é reconhecido quase consensualmente pelos praticantes mais activos como o delfim (ou sucessor) ao Presidente. Um terceiro é um instrutor (2º Dan) que, embora dedicado, assíduo e aplicado, não é admirado pelos outros praticantes pela sua proeza técnica; pelo contrário, é um praticante sem flexibilidade corporal, sem confiança e sem garra/agressividade.

Portanto estes três são profissionais no sentido em que vivem do karate ou seja sustentam-se (exclusivamente) da instrução do karate. Todos os três dão aulas em múltiplos locais. Surpreendentemente é o terceiro elemento que dá mais aulas em mais locais. Ele dá mais de 20 horas semanais de aulas em 5 escolas. Mas quero introduzir algumas atenuações a esta classificação sociológica típica do profissional que derivam da auto-consciência da comunidade de karatecas.

Em primeiro lugar, uma coisa é viver do karate no sentido do rendimento, no sentido comercial. Estes três têm em comum o facto de conseguir colocações como instrutores suficientes para sustentarem-se. O terceiro elemento explicou-me como através de comissões por cabeça/estudantes na escolas ele é capaz de ganhar entre 200-300 contos por mês. Uma outra coisa é viver do karate no sentido de viver para o karate. Neste sentido os percursos dos três profissionais diferenciam-se.

Tomemos o caso do Presidente da Associação. Trata-se de um homem com mais de 35 anos de prática, que é considerado consensualmente como tendo sido um praticante brilhante, senão excepcional, durante a sua vida; em termos do karate é o modelo, a fonte de emulação dos praticantes.²⁰ Também na sua instrução é um

²⁰ O que não significa que a sua pessoa seja encarada acriticamente pela totalidade dos seguidores e discípulos. No entanto, do seu karate e da sua liderança prática, derivada da sua actividade como instrutor, bem como da sua antiguidade, ele obtém, mesmo entre os praticantes mais independentes, um carisma que não tem igual.

inventor, conseguindo articular conhecimento derivado de uma prática inovador.²¹ Dedicou a sua vida à prática e à instrução do karate. Contudo, é manifestamente uma pessoa que viveu de forma economicamente precária durante a maior parte da sua vida e continua a viver numa certa precariedade. O segundo instrutor mencionado, é também admirado pelos praticantes como um excelente e exíguo executante. Combina a sua instrução do karate com formação contínua em outras artes marciais e a prática de yoga. O seu grau de actividade é analógico e equivalente à actividade de um assistente social que, após a licenciatura, fez um curso de pós-graduação em psicologia, um mestrado em sociologia, participa em congressos, organiza conferências, etc. O terceiro chegou a angariar colocações como instrutor de forma comercial na sequência da sua rescisão de contrato de uma grande empresa em reestruturação. O karate, que ele tinha praticado em adulto, forneceu-lhe um recurso. Ele tornou-se instrutor através da frequência do curso básico federativo para instrutores e obteve a autorização da Associação para dar aulas.

Apesar da comunalidade da sua fonte de rendimento há nitidamente uma distinção qualitativa entre os três "profissionais". Se fossem futebolistas os primeiros dois teriam tido carreiras boas e hoje em dia seriam treinadores de equipas de primeira ou segunda nível. Portanto, a definição da profissionalidade numa actividade desportiva não pode abstrair do seu contexto institucional e económico. Apesar da muita grande procura de instrução de karate na sociedade portuguesa a ausência da profissionalidade competitiva restringe a possibilidade da profissionalização da sua instrução.

Esta constatação é manifestada também na experiência dos instrutores da Associação que exercem a actividade em "regime pós-laboral". Como referiu um destes instrutores, colega meu do treino, a remuneração que recebe pelas aulas é simbólica em termos quantitativos mas não é na medida em que responde ao "profissionalismo" com o qual ele encara essa actividade. Trata-se de um instrutor (com 3º Dan) que tem um emprego a tempo inteiro, que treina (como eu) assiduamente duas vezes por semana durante um intervalo estendido à hora de almoço e à noite depois o emprego e que também dá 10 horas de aulas do karate por semana. Claramente, pelo aspecto simbólico da sua remuneração (que reembolsa meramente os seus custos pessoais), parece tratar-se de uma actividade voluntária, uma consequência de uma ambição, um sentido de vocação. No entanto, este instrutor afirma uma ambição, ou desejo, de dedicar-se inteiramente ao karate. A sua expressão é que seria disposto de deixar o emprego eventualmente pela "profissionalização" da sua actividade de karateca. Esta situação e perspectiva são partilhadas vários outros instrutores com quem treino.

Conclusão

Com uma excepção os "profissionais" do karate são aqueles que podem aspirar à liderança da comunidade. São praticantes que dedicaram as suas vidas ao karate, que assim fizeram do karate as suas vidas. A vocação consumou-os e **tiveram as qualidades, as competências e a vontade/ambição** para fazer do karate as suas vidas e sobreviver, progredir e ganhar alunos/discipulos. Na sombra do "Mestre" há espaço por poucos destes discipulos e o "Mestre" controla o espaço desta sombra. Eventualmente no futuro podem caber mais dois ou três candidatos

²¹ Prática inovador que nesta comunidade se refere como "investigação". É particularmente interessante a maneira em que os activistas desta comunidade referem a aspectos da sua prática enquanto "investigação", que possui um sentido muito próximo da experimentação em ciência.

neste espaço mas terão eles a procura (o mercado) e as capacidades para sustentar uma vida de "profissional" neste domínio. Apesar do controlo referido em cima na discussão da instrução, as tendências centrífugas às vezes larga um ou outro apóstolo com ambições de liderança/profissionalização.

No entanto os instrutores não-profissionais colaboram necessariamente na manutenção da comunidade do estilo. O karate é uma paixão que os leva a sonhar com o objectivo de fazer do karaté as suas vidas e de fazer tudo possível para isso mesmo se isso implica "moon-lighting", uma profissionalidade em tempo parcial.

Referências

Bishop, M. (1989) Okinawan Karate: Teachers, styles and secret techniques (London: A&C Black).

Funakoshi

Garfinkel, H., ed., (1986) Ethnomethodological studies of work (London: Routledge & Kegan Paul).

Girton, G. D. (1986) "Kung Fu: toward a praxiological hermeneutic of the martial arts" in Garfinkel, H., ed., (1986) Ethnomethodological studies of work (London: Routledge & Kegan Paul).